



O ENSINO MÉDIO COMO FILTRO PARA O ACESSO DE NEGROS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Amelia Cristina Abreu Artes¹

Resumo: A maior presença de negros no ensino superior brasileiro tem sido apresentada em diferentes dimensões: na diminuição das desigualdades, com uma maior presença numérica nos cursos de graduação e pós-graduação, e na maior diversidade étnico-racial observada no ensino superior nas últimas décadas, com a entrada de grupos até então subrepresentados, como os negros e os indígenas, que trazem para o espaço acadêmico outras culturas, demandas e questões de estudo. Este trabalho explora a dimensão da desigualdade, a partir da análise dos resultados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010, disponibilizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), analisando, além das informações sobre o acesso aos cursos de graduação e pós-graduação, dados sobre o ensino médio, última etapa da educação básica e pré-requisito para o acesso ao ensino superior: o quanto a menor presença dos negros no ensino superior deve-se a não finalização do ensino médio?

Palavras-chave: acesso; ensino médio; negros.

HIGH SCHOOL AS FILTER FOR THE ACCESS OF BLACKS IN BRAZILIAN HIGHER EDUCATION

Abstract: Most presence of black in Brazilian higher education has been presented in different dimensions: the reduction of inequalities, with a greater numerical presence in undergraduate and graduate, and most ethnic and racial diversity observed in higher education in recent decades. It happens because of the entry of hitherto under-represented groups, such as blacks and indigenous people, who bring to the academic space other cultures, demands and study questions. This work explores the dimension of inequality, from the analysis of the results of the Demographic Census of 2000 and 2010, provided by the IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics). We evaluate, in addition to information on access to undergraduate and graduate, data on high school, the last stage of basic education and prerequisite for access to higher education. How much the lower presence of blacks in higher education due to failure to complete high school?

Keywords: access; high school; blacks.

L'ENSEIGNEMENT SECODAIRE COMME FILTRE POUR L'ACCÈS DE NOIRS DANS L'ENSEIGNEMENT SUPÉRIEUR BRÉSILIEN

Résumé: La plupart présence des noirs dans l'enseignement supérieur brésilien a été présenté dans des dimensions différentes: dans la réduction des inégalités, avec une présence numérique dans le cours de graduation e pos-graduation, et dans la plupart diversité raciale observée dans l'enseignement supérieur dans les dernières décennies, avec l'entrée des groupes jusque-là sous-représentés, comme les noirs et les indigènes, qui apportent à l'espace universitaire autres cultures, les exigences et questions de étudie. Ce travail explore la dimension de l'inégalité, à partir d'analyse des résultats du recensement démographique de 2000 et 2010, fournies par l'IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), en analysant, en plus des informations sur l'accès aux cours de graduation et pos-graduation, des données sur l'école secondaire, la dernière étape de l'éducation de base et condition préalable pour l'accès à l'enseignement

¹ Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas. Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.



supérieur: quant la moins présence des noirs dans l'enseignement supérieur en raison de ne pas terminer leurs études secondaires?

Mots-clés: accès; enseignement secodaire; noirs.

LA ENSEÑANZA MEDIA COMO FILTRO PARA EL ACCESO DE NEGROS EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR BRASILEÑA

Resumen: La mayor presencia de negros en la enseñanza superior ha sido presentada en diferentes dimensiones: en la disminución de las desigualdades, con una mayor presencia numérica en los cursos de graduación y pos-grado, y en la más grande diversidad étnico-racial observada en la enseñanza superior en las últimas décadas, con la entrada de grupos hasta entonces sub representados, como los negros y los indígenas, que traen para el espacio académico otras culturas, necesidades y cuestiones de estudio. Este trabajo explora la dimensión de la desigualdad, a partir de análisis de los resultados de los Censos Demográficos de 2000 y 2010, disponibilizados por el IBGE (Instituto Brasileño de Geografía y Estadística), analizando, además de las informaciones sobre el acceso a los cursos de graduación y pos- grado, datos sobre la enseñanza media, última etapa de la educación básica y pre-requisito para el acceso a la enseñanza superior: ¿Cuánto la menor presencia de los negros en la enseñanza superior se debe a no finalización de la enseñanza media?

Palabras-clave: acceso, enseñanza media, negros

ASSIMETRIAS NO ACESSO À EDUCAÇÃO: O QUE DIZ A LITERATURA

As diferentes assimetrias que caracterizam o público que acessa e conclui a Educação Básica e em especial o Ensino Superior são objeto de reflexão de um grande número de pesquisadores. Entre o final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, Carlos Hasenbalg e outros autores iniciam uma série de estudos que indicam que os aspectos econômicos, considerados importantes, não são o único fator determinante das desigualdades a bens materiais e culturais entre brancos e negros. Henriques (2001); Beltrão e Teixeira (2004); Paixão (2010); Rosemberg e Madsen (2011), entre outros autores demonstram que as desigualdades de acesso, progressão e conclusão para as diferentes etapas da educação básica e do ensino superior são demarcadas dentre outros fatores, pela variável cor/raça: de forma geral, os indicadores educacionais encontrados para negros² estão muito aquém dos observados para brancos. As defasagens entre indicadores educacionais de negros e brancos estão presentes desde a primeira etapa do sistema educacional brasileiro e devem ser estudadas na interface com outros marcadores sociais como sexo, região de moradia, renda e faixa de idade (Artes, 2015).

² O termo “negro” indica a somatória dos valores encontrados para pretos e pardos.



Nos últimos anos, o ensino médio tem ocupado um espaço central nas discussões sobre como melhorar os baixos indicadores de qualidade na educação brasileira, principalmente no comparativo com outros países do mundo. Organizações como a Ismart³, Instituto Unibanco, entre outros tem se preocupado com a qualidade do ensino médio e desenvolvido projetos para o atendimento de “jovens com talento”. Simon Schwartzman, em seu blog, apresenta um denso conjunto de reflexões sobre o ensino médio brasileiro e os novos desafios. Esta centralidade no ensino médio coincide com a mudança na legislação (EC n. 59/2009) que determina que a obrigatoriedade da escolarização brasileira englobe a faixa de 4 a 17 anos, tornando obrigatório o Ensino Médio. Porém, estatísticas de frequência ao ensino médio, indicam uma cobertura de 80% para a TBM⁴ e 50% para a TLM⁵. Nora Krawazyk (2014), ao tratar das inovações em curso no Brasil, em especial em relação ao ensino médio, ressalta:

E há também os atores privados, ligados ao mundo empresarial (fundações, institutos, ONGs, empresas de consultoria), que não apenas oferecem ajuda material à escola pública, mas atuam também no auxílio à gestão e, até mesmo, influenciam fortemente nas propostas curriculares (2014, p. 25)

Na academia, a temática também tem ocupado um espaço cada vez maior. Carlos Brandão (2011) reflete sobre a EC n. 59/2009 e os desafios para o Plano Nacional de Educação, indicando que a distorção idade-série é um dos maiores entraves a serem superados. No mesmo caminho, Kuenzer (2010) mostra a estagnação nos indicadores de acesso na década de 2000 indicando que são grandes os desafios a serem superados para cumprimento das metas para o ensino médio propostas pelo Plano Nacional de Educação em vigor. Krawazyk (2011) apresenta um panorama do ensino médio na atualidade e discute alguns dos desafios existentes. Segundo a autora:

Seja pela demanda provocada pelo contexto econômico mais amplo (reordenamento internacional) ou de cada sujeito (empregabilidade), seja pela demanda resultante das políticas de priorização do ensino fundamental, o

³ Criado em 1999, o Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos (Ismart) é uma entidade privada, sem fins lucrativos, que identifica jovens talentos de baixa renda, de 14 a 15 anos de idade, e lhes concede bolsas em escolas particulares de excelência e o acesso a programas de desenvolvimento e orientação profissional, do ensino fundamental à universidade (<http://www.ismart.org.br/quem-somos/>).

⁴ TBM (Taxa Bruta de Matrícula): número de alunos matriculados em determinado nível de educação, independentemente da idade, expresso como porcentagem da população pertencente a faixa etária oficial relevante

⁵ TLM (Taxa Líquida de Matrícula): número de alunos na faixa etária oficial para determinado nível de educação matriculados nesse nível, expresso como porcentagem da população total pertencente a essa faixa etária. (Relatório de Monitoramento Global Educação para Todos 2003/2004, UNESCO, p. 287)

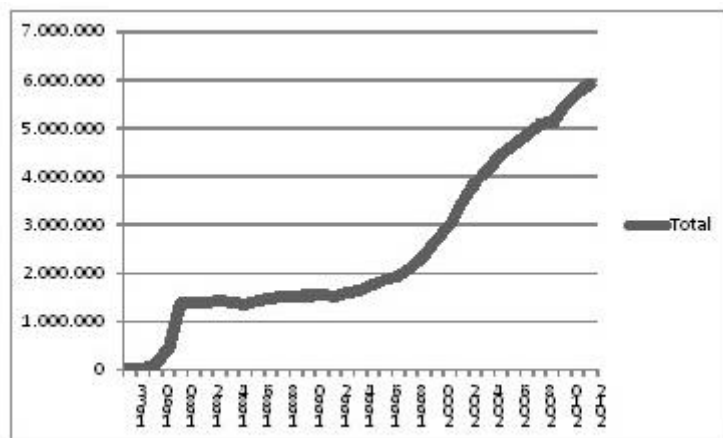


ensino médio tem se expandido e explicitado novos desafios (Krawazyk, 2011, p. 85).

Etapa posterior ao ensino médio, o acesso ao ensino superior também tem ocupado a preocupação de acadêmicos e da sociedade civil, como condição para uma melhor e mais qualificada inserção no mercado profissional. A educação superior, diferentemente das etapas anteriores da educação básica, não é de frequência obrigatória. Entretanto, a sua expansão responde a uma demanda cada vez maior por esse nível de ensino, que costuma trazer aos que o frequentam, maiores benefícios e um diferencial importante no mercado de trabalho.

Historicamente, o processo de expansão do ensino superior no Brasil desenvolveu-se de forma tardia e meio que aos “supetões” (Ricoldi e Artes, 2015). Ao contrário da América hispânica, o Brasil só pode ter ensino superior laico após 1808, em consequência da necessidade de formar profissionais para atender a Corte Portuguesa pós-transferência do governo imperial. Até então, as únicas instituições que poderiam se assemelhar ao ensino superior eram os seminários teológicos (Santos, 1998). É em meados do séc. XX que as instituições de ensino superior, predominantemente privadas, ganham espaço e passam a receber a maior parte de público que acesso os cursos de ensino superior. O gráfico 1 apresenta a expansão do ensino superior no Brasil entre 1933 e 2012. Saímos de um pouco mais de 30 mil estudantes em 1933 para um universo de 6 milhões em 2012.

Gráfico 1. Evolução de matrícula no ensino médio brasileiro – 1933 a 2012



Fonte: sinopses INEP



O predomínio de instituições privadas está presente desde o início da expansão do ensino superior no país. Nos anos de 1960 a 1970, com um pequeno universo de estudantes a variação é mais expressiva (quadro 1). A partir da década de 1980 esta etapa alcança 1 milhão de pessoas. Apesar de um crescimento contínuo é a partir dos anos 2000 que a variação é ascendente e mais intensa. Para Queiroz (2013), essa proliferação de cursos e de matrículas pode ser associada a uma novo posicionamento do país no mercado internacional, e da necessidade de uma maior (e melhor) qualificação para as novas demandas tecnológicas. Após a LDB de 1996, um amplo mercado é disponibilizado por instituições privadas de ensino, que procuram atender uma elevada demanda reprimida, com cursos de custo mais baixos e acessíveis à realidade econômica brasileira (Almeida, 2012).

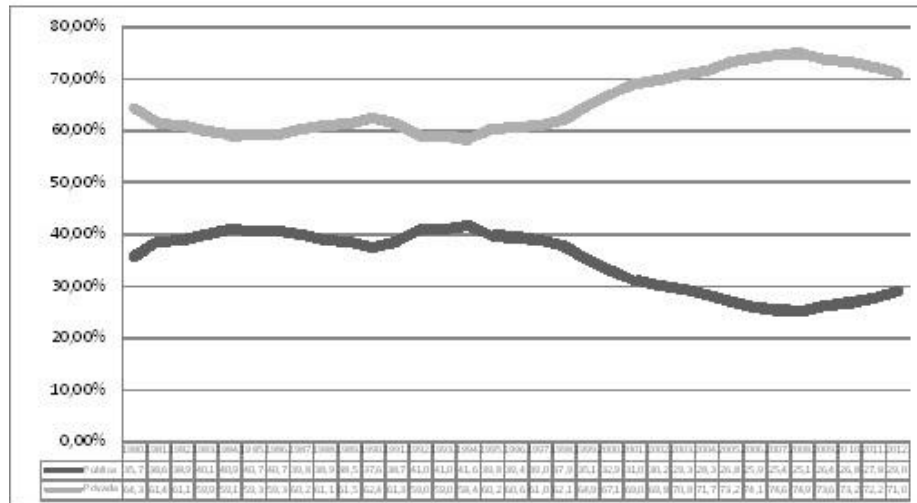
Quadro 1. Variação no crescimento das matrículas no ensino superior brasileiro. 1960-2010

	Variação	
	Pública	Privada
1960-1970	253,3	410,8
1970-1980	133,71	312,0
1980-1990	17,5	8,7
1990-2000	53,3	87,9
2000-2010	64,8	120,7

Fonte: Sinopses INEP (2010)

O gráfico 2 reforça o já descrito, com a distribuição entre IES públicas e privadas. A partir de 2000, consolida-se o predomínio das privadas, com uma participação de mais de 70% no conjunto de instituições.

Gráfico 2. Evolução de matrículas no ensino superior brasileiro, instituições públicas e privadas (1980-2012)



Fonte: Sinopses INEP

Três aspectos devem ser trazidos para a discussão sobre a expansão do ensino superior brasileiro e a participação dos negros: (1) as diferentes variações de expansão do ensino superior por regiões geográficas, (2) a interface com a distribuição racial por região: isto é, os negros estão mais presentes em regiões com menos oferta de ensino superior, (3) a própria mudança de participação de negros no conjunto da população brasileira, pois em 2000 os negros representavam 44,6% da população brasileira, participação alterada para 50,9% em 2010, conforme descrito na tabela 1. Para as análises que se seguem são privilegiados os resultados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010, década marcada pela criação e implementação de experiências de ação afirmativa para acesso de grupos subrepresentados ao ensino superior em instituições públicas, através do desenvolvimento de políticas de cotas, ou privadas, a partir do PROUNI e FIES.⁶

Tabela 1. Distribuição da população geral por cor/raça e variação no período. Brasil, 2000 e 2010

⁶ O PROUNI – Programa Universidade para Todos é um programa do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004, que concede *bolsas de estudo integrais e parciais (50%) em instituições privadas de ensino superior*, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros, sem diploma de nível superior. <http://siteprouni.mec.gov.br/tire-suas-duvidas.php#conhecendo>. FIES - O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em cursos superiores não gratuitas na forma da Lei 10.260/2001. Podem recorrer ao financiamento os estudantes matriculados em cursos superiores que tenham avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação. <http://sisfiesportal.mec.gov.br/fies.html>.



Cor/raça	População geral				Variação %
	2000		2010		
	N	%	N	%	
Branca	91.298.042	53,7	90.621.075	47,5	-0,7
Preta	10.554.325	6,2	14.351.135	7,5	36,0
Amarela	761.583	0,4	2.105.353	1,1	176,4
Parda	65.318.092	38,4	82.820.049	43,4	26,8
Indígena	734.127	0,4	821.501	0,7	11,9
Negros*	75.872.417	44,6	97.171.184	50,9	28,0
Ignorado	1.206.675		36.051		
Total	169.872.844	100,0	190.755.164	100,0	12,3

Fonte: IBGE, microdados do Censo Demográfico 2000 e 2010.

Estas mudanças na autoclassificação racial da população são discutidas por Soares (2008), Cunha (2012) e Silva (2013). A literatura indica que as mudanças nas taxas de fertilidade não justificam em sua totalidade as alterações observadas e devem ser compreendidas como resultado:

(...) pelo aumento sistemático de população que se autodeclara negra devido a um processo de conscientização da importância de assumir sua própria identidade (Cunha, 2012, p. 3).

Pode-se dizer que o que está acontecendo não é que o Brasil esteja tornando-se um a nação de negros, mas, sim, que esta se assumindo como tal (Soares, 2008, p. 116).

Desta forma, a maior presença de negros no ensino superior entre os anos de 2000 e 2010, apresentadas na literatura e nesse estudo, deve ser relativizada pela mudança na autoclassificação racial do conjunto da população brasileira: temos mais negros no ensino superior ou temos mais pessoas que se autodeclaravam brancas (em 2000, por exemplo) e que passaram a se declarar pardas ou pretas (em 2010)? Esta questão não é explorada neste estudo, mas deve ser considerada nas análises e conclusões realizadas.

Os dois outros aspectos ressaltados podem ser analisados em conjunto: a distribuição da população por cor/raça e região e a ampliação diferenciada do ensino superior por região, descritos no quatro 2 e 3.

Quadro 2. Distribuição (porcentagem) de brancos e negros por região e nível de escolarização. Brasil 2000 e 2010

Região	Cor/raça	Ano	Graduação	Pós-graduação	População
Norte	Branco	2000	47,5	50,9	28,0
		2010	33,4	41,0	23,2
	Negro	2000	50,7	46,0	68,9
		2010	64,4	55,8	73,7
Nordeste	Branco	2000	57,8	63,2	32,9
		2010	41,9	50,1	29,2
	Negro	2000	41,1	35,1	65,7
		2010	56,3	48,2	69,2
Sudeste	Branco	2000	83,4	87,5	62,4
		2010	70,2	78,7	54,9
	Negro	2000	14,1	9,7	36,1
		2010	28,1	19,5	43,8
Sul	Branco	2000	94,0	94,4	83,6
		2010	88,2	91,2	78,3
	Negro	2000	4,6	3,7	15,2
		2010	10,8	7,2	20,7
Centro-Oeste	Branco	2000	69,3	76,3	49,7
		2010	52,6	62,1	41,5
	Negro	2000	29,1	22,2	48,3
		2010	45,4	35,3	56,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010 (microdados)

Os negros, considerando o total da população, concentram-se nas regiões Norte e Nordeste, com um diferencial entre os anos de 2000 e 2010, indicado pela mudança na auto declaração já discutida anteriormente. São realçados no quadro os resultados observados para o Nordeste e Sudeste que nos permite uma comparação entre a participação na população, na graduação e na pós-graduação. No Nordeste em que 70% da população é composta por negros, estes representam 56,3% nos cursos de graduação e 48,2% na pós-graduação. No Sudeste, o predomínio dos brancos é mantido na graduação e pós-graduação. Deve ser ressaltada a ampliação de acesso dos negros nas regiões Sudeste e Sul no comparativo entre 2000 e 2010. Para um aumento populacional na região Sudeste de 7,7 pontos percentuais (p.p) para os negros, a ampliação na graduação é de 14 p.p e na pós-graduação 9,8 p.p, resultado semelhante ao encontrado para a região Sul.



Desta forma, a maior presença de negros no ensino superior deve ser analisada a partir das diferenças nas distribuições por região demográfica, tanto na população, como no ensino superior. Se a melhora nos indicadores de participação dos negros no período analisado é indiscutível, o comparativo com o potencial de crescimento (associado à participação na população) demonstra que muito ainda falta conquistar para uma equidade no acesso de todas as pessoas as etapas mais elevadas de escolarização no país. Estes resultados devem ainda ser relacionados aos diferenciais de oferta de curso de graduação e programas de pós-graduação por região.

O quadro 3 apresenta a distribuição de cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado, no período de 2004 a 2009. Apesar do intervalo de análise ser pequeno, cinco anos, indica que as assimetrias regionais descritas nos Planos Nacionais de Pós-Graduação – PNPG persistem, porém com uma tendência de maior equilíbrio entre as regiões. Desta forma, os menores indicadores encontrados para negros no ensino superior brasileiro, devem ser associados também a uma menor oferta de vagas em cursos e programas de pós-graduação, nas regiões em que eles são maioria. Os brancos são maioria nas regiões Sudeste e Sul, onde a oferta de cursos e programas é bem maior, tanto para o mestrado como para o doutorado.

Quadro 3. Distribuição de cursos/programas de mestrado e doutorado por região. Brasil 2004 e 2009

Região	Mestrado					Doutorado				
	2004		2009		Variação	2004		2009		Variação
	N	%	N	%		N	%	N	%	
Norte	65	3,6	112	4,6	72,3	21	2,0	38	2,7	81,0
Nordeste	285	15,9	442	18,1	55,1	113	10,7	193	13,6	70,8
Sudeste	973	54,3	1.211	49,7	24,5	691	65,3	845	59,4	22,3
Sul	357	19,9	494	20,3	38,4	186	17,6	269	18,9	44,6
Centro-Oeste	113	6,3	177	7,3	56,6	47	4,4	77	5,4	63,8

Fonte: PNPG 2011, pag. 54. Organizado pela autora

As taxas de variação das regiões Norte e Nordeste podem dar a equivocada impressão de um maior equilíbrio entre a distribuição de cursos e programas de pós-graduação. Porém a leitura das colunas de porcentagem, tanto para 2004 como para 2009 indicam que a participação no total de cursos ainda é baixa, mantendo-se a predominância das regiões Sudeste e Sul como polos de formação na pós-graduação.

O ACESSO E FREQUÊNCIA AO ENSINO MÉDIO COMO DETERMINANTE DA ENTRADA NO ENSINO SUPERIOR

Os censos demográficos podem ser utilizados também para a caracterização do público que acessa e finaliza o ensino médio no Brasil, uma condição preliminar para o acesso ao ensino superior. As análises dos dois últimos censos permitem a verificação dos avanços na escolarização da população e os gargalos ainda existentes. Os quadros 4 e 5 apresentam informações para as faixas de 15 a 17 anos, idade esperada para frequência ao ensino médio e 18 a 24 anos, como idade para frequência à educação superior.

Quadro 4. Cobertura de frequência na faixa de idade dos 15 aos 17 anos. Brasil, 2000 e 2010

15 a 17 anos	2000		2010		Variação
	N	%	N	%	
Frequenta Ensino Médio	3.688.914	44,0	4.895.704	56,7	32,7
Frequenta escola	8.335.926	77,7	8.626.302	83,3	3,5
Não frequenta escola	2.391.112	22,3	1.727.518	16,7	-27,8
Total da população	10.727.038		10.353.820		-3,5

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010 (microdados), Artes (2015)

Se a nova legislação (EC n. 59/2009 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96) indica que os todos os jovens de 15 a 17 anos devem frequentar a educação formal, preferencialmente no ensino médio, considerando o fluxo escolar desejado⁷, o quadro 4 indica que apesar dos avanços entre os anos de 2000 e 2010, há muito o que ainda fazer para o cumprimento da norma legal. Apenas 56,7% dos jovens de 15 a 17 anos estão no ensino médio, enquanto outros 26,6%⁸ ou estão em etapas anteriores, no ensino fundamental, ou já acessaram o ensino superior.

Considerando a faixa de idade posterior, de 18 a 24 anos, 66% dos jovens em 2010 não frequentavam instituições de ensino, enquanto apenas 14% estavam matriculados em IES, conforme o esperado para esta faixa de idade. Quase 12% ainda estavam frequentando o ensino médio e 5% estavam matriculados no EJA, ou ainda no ensino fundamental. Apesar da melhora nos indicadores no comparativo com 2000, as taxas inda estão aquém do desejado.

⁷ Segundo a legislação em vigor a educação infantil deve ser frequentada entre os 0 e 5 anos, ensino fundamental entre os 6 e 14 anos e o ensino médio entre os 15 e 17 anos.

⁸ Cálculo: 83,3 – 56,7 = 26,6

**Quadro 5. Cobertura de frequência na faixa de idade dos 18 aos 24 anos. Brasil, 2000 e 2010**

18 a 24 anos	2000		2010		Variação
	N	%	N	%	
Terminou Ensino Médio	5.278.787	22,6	8.469.297	35,5	60,4
Frequenta escola (menos EM e ES)	2.274.556	9,7	1.205.379	5,0	-47,0
Frequenta Ensino Médio	3.234.339	13,8	2.782.065	11,7	-14,0
Frequenta Ensino Superior	1.722.445	7,4	3.330.774	14,0	93,4
Não frequenta	12.510.127	53,5	15.787.515	66,1	26,2
Total da população	23.365.185		23.873.786		2,2

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010 (microdados), Artes (2015)

Para além dos números gerais é importante qualificar, nos aspectos de características adscritas, quem acessa ou não as diferentes etapas de escolarização? O quadro 6 apresenta informações na interface sexo e cor/raça para as três etapas de escolarização consideradas. Alguns autores apresentam informações distribuindo as variáveis sexo e cor/raça, em quatro subgrupos de análises: homens brancos, homens negros, mulheres brancas e mulheres negras (Reichmann, 1995; Beltrão E Teixeira, 2004; Paixão, 2008). Assim procedendo, o hiato de gênero favorável às mulheres nos indicadores educacionais, desde os anos de 1970, é flexionado pelo hiato de cor/raça, em que os indicadores para os negros são altamente desfavoráveis em comparação com os de brancos. Ao organizar os quatro subgrupos por indicadores de acesso as três etapas de escolarização, obtém-se a seguinte ordenação: mulheres brancas, homens brancos, mulheres negras e homens negros.

O ensino médio teve a menor taxa de crescimento, o que é esperado dado que é uma etapa de oferta pública e que desde os anos de 1990 a regularização do fluxo escolar tem ampliado as taxas de atendimento. A maior taxa de crescimento é observada para o ensino superior, graduação, com um índice de 116,4%.

As mulheres são maioria nas três etapas consideradas.

As taxas de variação para os negros no acesso a graduação e a pós-graduação também devem ser avaliadas com ressalvas: considerando que os negros representam 50,9% do geral da população, eles ocupam apenas 35,3% das vagas na graduação e 24,9% na pós-graduação, em 2010. Considerando as mudanças entre 2000 e 2010, tem-

se uma participação significativamente maior, porém ainda aquém da representação populacional.

Na associação sexo e cor/raça e na formação dos quatro grupos de interesse, os melhores resultados são encontrados para as mulheres brancas, seguidos por homens brancos, mulheres negras e homens negros. Apenas 14% dos homens negros acessam a graduação, quando o esperado estaria próximo de 25%⁹. Na pós-graduação este índice é de apenas 11,6%.

Quadro 6. Pessoas que frequentam o ensino médio ou a graduação para um conjunto de variáveis. Brasil 2000 e 2010

	Frequenta o ensino médio			Frequenta a graduação			Frequenta a pós-graduação		
	2000	2010	Variação	2000	2010	Variação	2000	2010	Variação
Sexo									
homem	45,2	46,1	15,4	43,5	43	114,2	48	46,5	52,2
mulher	54,8	53,9	11,5	56,5	57	118	52	53,5	61,4
Cor/raça									
branco	58,5	46,2	-10,4	78,5	63	73,7	84,3	73,2	36,4
negro	40,2	52,4	47,6	19,5	35,3	290,7	13,3	24,9	194,6
Sexo e cor/raça									
mulher branca	31,7	24,7	-11,8	44,2	35,3	72,9	43,9	39,1	39,8
homem branco	26,7	21,5	-8,7	34,4	27,7	74,6	40,4	34,2	32,7
mulher negra	22,1	28,4	44,3	11,3	20,7	294,9	6,8	13,3	204,2
homem negro	17,9	24,7	51,7	8,2	14,6	284,9	6,4	11,6	184,4
Total *	100	100	13,3	100	100	116,4	100	100	57,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010 (microdados). ARTES (2015)

O FLUXO DO ENSINO MÉDIO PARA O ENSINO SUPERIOR

Outra possibilidade de análise dos resultados são indicadores que mensurem a possibilidade de passagem de uma etapa a outra de escolarização, considerando que o ensino médio é condição para o acesso ao ensino superior (quadro 7). As informações são apresentadas para os quatro grupos de sexo e cor/raça: homens brancos, homens negros, mulheres brancas e mulheres negras, a partir dos resultados do Censo de 2010.

⁹ Considerando que os homens são 50% da população e os negros são 50% da população, cada subgrupo sexo e cor/raça seria composto por 25% (homens negros)

Quadro 7. Taxas de passagem do ensino médio para o ensino superior por sexo e cor/raça. Brasil 2010

Sexo e cor/raça	Proporção – concluintes do ensino médio e acesso ao ensino superior* (de cada 100 pessoas)
Homem branco	100 - 47
Homem negro	100 - 26
Total homem**	100 - 38
Mulher branca	100 - 51
Mulher negra	100 - 30
Total mulher**	100-41
Total branca	100 - 49
Total negra	100 - 28
Total	100 - 38

Fonte: Microdados de censo Demográfico 2010 – IBGE. Nota: * Proporção de pessoas de 18 a 24 anos com ensino médio concluído que cursam o ensino superior. Cálculo A/A+B, sendo A = pessoas que cursam ou cursaram o ensino superior na idade definida; B = pessoas que concluíram o ensino médio, mas não cursam e nem cursaram o ensino superior na idade definida. ** total dos grupos, incluindo os amarelos, indígenas e sem declaração de cor.

O quadro foi organizado para mostrar que há um público potencial que terminou o ensino médio e que pode acessar o ensino superior e que isso não ocorre. De cada 100 homens brancos (e sequencialmente as outras configurações de sexo e cor/raça) que terminaram o ensino médio, 47 estão no ensino superior; de cada 100 homens negros, só 26 estão no ensino superior. As taxas para as mulheres brancas e negras são melhores no comparativo com os homens brancos e negros. Assim, o perfil daqueles que acessam o ensino superior é marcado primeiro pela cor/raça e depois pelo sexo. Esta forma de medição das desigualdades permite comparar desempenhos (no caso, acesso ao ensino superior) a partir de um mesmo valor inicial: 100 pessoas com igual potencial – conclusão do ensino médio - para acesso ao nível de escolarização seguinte. Diminuído quanto, realmente, alcançam a etapa subsequente de escolarização.

COMO ESSES DIFERENCIAIS INICIADOS NO ENSINO MÉDIO E CONSOLIDADOS NO ENSINO SUPERIOR CHEGAM À PÓS-GRADUAÇÃO?

A pós-graduação é a etapa mais elevada e de acesso restrito no ensino superior brasileira. Entendida como um espaço privilegiado de construção de saberes e conhecimentos socialmente valorizados, os entraves para os negros e homens observados desde o ensino médio se fazem presentes, de forma consolidada, também



nesse nível. Isto pode ser confirmado com uma preocupação apresentada no sexto e último Plano Nacional de Pós-Graduação, que compreende o período de 2011 a 2020. O Plano em vigor apresenta pela primeira vez uma preocupação explícita com a oferta e qualidade das etapas antecedentes, tendo por foco o ensino médio:

Os efeitos decorrentes do esforço realizado pelos sistemas educacionais nas três esferas administrativas, federal, estadual e municipal apesar de terem sido importantes para melhorar a ampliação do acesso, não foram suficientes para melhorar a qualidade e nem mesmo garantir a permanência, por exemplo, no ensino médio, onde as taxas de evasão ainda são alarmantes. (PNPG, 2011, p. 166).

Segundo Barreto e Domingues (2012), o Brasil tem a oportunidade de “pagar” na próxima década a dívida social e criar uma sociedade de bem-estar social se vencer duas barreiras sistêmicas:

O apagão do ensino médio que deixa mais da metade da população fora do sistema e o gargalo do ensino superior, com 13% dos jovens na universidade, a maioria no sistema privado, sem tradição em pesquisa e incapaz de disseminar a cultura da Ciência, Tecnologia e Inovação (Barreto e Domingues, 2012, P. 27).

Apesar da preocupação com a situação da educação, particularmente, o ensino médio, não há no texto do atual PNPG nenhuma indicação de quem são os “atores” que não acessam os níveis mais elevados de escolaridade, isto é, quais são as suas características por sexo, cor/raça, idade ou renda. Ao tratar das assimetrias, assim como nos planos anteriores, é ressaltada apenas as dimensões regionais. Desde o 1o PNPG a distribuição desigual de cursos e programas nas diferentes áreas geográficas está posta, concomitante com as outras assimetrias presentes nas áreas sociais e econômicas.

Apesar da ausência no corpo do texto do último PNPG de outras assimetrias que caracterizariam o público que acessa e frequenta a pós-graduação, é apresentado em um pequeno texto na síntese final do plano, citando as outras assimetrias:

A oferta ainda é insuficiente, a qualidade ainda é baixa e constata-se uma grande desigualdade quando a comparação é feita levando-se em consideração alguns fatores como a questão regional, o pertencimento étnico, o gênero, a sexualidade, a condição social, dentre outros. (Brasil, PNPG, 2010, p. 164).

No quadro seguinte é possível observar que o acesso à pós-graduação é bem mais restrito, no comparativo com as possibilidades de acesso ao ensino superior (quadro 7), tanto para brancos como para negros. A taxa de acesso ao mestrado para negros é de 4,1 para cada grupo de 100 graduados; enquanto para os brancos é de 5,3.

Como ressaltado anteriormente a desigualdade de acesso à escola para os negros é indiscutível, porém a desigualdade de acesso à pós-graduação não tem origem no ensino superior e sim nas etapas anteriores de escolarização.

Quadro 8. Taxas de passagem do ensino superior para o mestrado por sexo e cor/raça. Brasil 2010

Sexo e cor/raça	Proporção – concluintes no ensino superior por estudante no mestrado* (de cada 100 pessoas)
Homem branco	100 - 6 (6,2)
Homem negro	100 - 5 (5,2)
Total homem**	100 - 6 (5,9)
Mulher branca	100 - 5 (4,7)
Mulher negra	100 - 4 (3,6)
Total mulher**	100 - 4 (4,4)
Total branca	100 - 5 (5,3)
Total negra	100 - 4 (4,1)
Total	100 - 5 (5,0)

Fonte: Microdados de censo Demográfico 2010 – IBGE. Nota: * Proporção de pessoas de 21 a 55 anos com ensino superior concluído que cursam o mestrado na pós-graduação. Cálculo $A/A+B$, sendo A = pessoas que cursam ou cursaram o mestrado na idade definida; B = pessoas que concluíram o ensino superior, mas não cursam e nem cursaram o mestrado na pós-graduação na idade definida. ** total dos grupos, incluindo os amarelos, indígenas e sem declaração de cor. Estudantes de mestrado na pós-graduação na faixa de 21 a 55 anos representam 93,6% do universo de estudantes.

Ao contrário do observado nas etapas anteriores de escolaridade, as mulheres apresentam um desempenho aquém do observado para os homens: a relação é de seis homens para cada grupo de 100 graduados e quatro (4,4) mulheres. Este resultado demanda uma reflexão que considere os espaços de construção dos conhecimentos, no caso, a pós-graduação, com um espaço historicamente masculino e que paulatinamente as mulheres têm ocupado. Melo e Oliveira (2006) e Aquino (2006), apresentam um conjunto de fatores para compreensão desses diferenciais: desde as escolhas nas carreiras para homens e mulheres, até fatores como a difícil conciliação entre carreira e família para as mulheres, assim como a própria origem androcêntrica da ciência e da aquisição de conhecimentos socialmente valorizados.

No recorte por cor/raça, as distâncias entre negros e brancos parecem ser menores do que na etapa anterior, da graduação. Estes resultados não indicam que o acesso à pós-graduação seja mais equitativo. O quadro deve ser lido, considerando um patamar de partida igual para os dois grupos (100 concluintes no ensino superior) que



associada a uma menor oferta ou acesso a pós-graduação, acaba por diminuir as distâncias entre os grupos analisados. O acesso à pós-graduação é também mais difícil para os negros, mas os maiores entraves em seus percursos escolares encontram-se nas etapas anteriores de escolarização, principalmente na passagem do ensino médio para o ensino superior, como demonstrado nesse estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas informações são apresentadas nesse estudo. Desde as mudanças na caracterização da população brasileira entre os anos de 2000 e 2010, até uma medida comparativa de finalização do ensino médio e acesso ao superior (quadro 7) e de finalização do ensino superior e acesso ao mestrado (quadro 8). O objetivo do artigo é trazer esses recortes quantitativos em diferentes aspectos para que as desigualdades observadas no acesso por cor/raça às etapas finais de escolarização possam ser exploradas, refletidas e monitoradas. Se as mudanças são perceptíveis, com uma maior diversidade étnico-racial nos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil, muito ainda há para caminhar para que se alcance a esperada equidade na ocupação dos espaços escolares no Brasil.

O diferencial desse estudo é trazer “luz” para o ensino médio, como etapa determinante para acesso ao ensino superior. Ainda estamos longo da universalização dessa etapa, considerada de frequência obrigatória pela legislação em vigor, e ainda demarcada por desigualdades de acesso por cor/raça. Outros aspectos, não explorados nesse estudo, são as condições de oferta de ensino médio por cor/raça: as escolas frequentadas, predominante por negros, apresentam as mesmas características de infraestrutura, qualidade docentes, frequentadas por brancos? Se o ensino médio é um filtro que dificulta o acesso ao ensino superior, faz-se necessário uma análise mais profunda das desigualdades de escolarização presentes nesse nível para uma posterior superação das desigualdades tão bem demarcadas, no acesso ao ensino superior e em especial à pós-graduação brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. *Ampliação do Acesso ao Ensino Superior Privado Lucrativo Brasileiro: um estudo sociológico com bolsistas do ProUni na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. USP, 2012.



AQUINO, Estela M. L. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca pela equidade. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Pensando Gênero e Ciência: encontro nacional de núcleos e grupos de pesquisa*. Brasília: SPM, 2006.

ARTES, Amélia. *Desigualdades de cor/raça e sexo entre pessoas que frequentam e titulados na pós-graduação brasileira: 2000 e 2010*. Fundação Carlos Chagas (Relatório de pesquisa), 2015.

BARRETO, Francisco Cesar de Sá; DOMINGUES, Ivan: O PNPG 2011-2020: Os desafios do país e o Sistema Nacional de Pós-graduação. *Educação em Revista* v. 28, n. 03, p. 17-53, set 2012.

BELTRÃO, Kaizo; TEIXEIRA, Moema de P. *O vermelho e o negro: raça e gênero na universidade brasileira – uma análise da seletividade das carreiras a partir dos censos demográficos de 1960 a 2000*. Texto para discussão, RJ, IPEA, outubro de 2004.

BRANDÃO, Carlos Alberto. O ensino médio no contexto do Plano Nacional de Educação: o que ainda precisa ser feito. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 31, n. 84, pag. 195-208, maio-agosto de 2011.

BRASIL, *Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2011-2020* Ministério da Educação, Brasília, dez. 2010.

CUNHA, Estela Maria Garcia Pinto. *Brasil está reduzindo suas disparidades raciais? XVIII*, ABEP, 2012.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. *Textos para discussão*, n. 807, Rio de Janeiro, IPEA, 2001.

KRAWAZYK, Nora. Reflexões sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 41, n. 144 jan/abril 2011.

KUENGER, Acácio. O ensino médio no Plano Nacional de Educação: 2011-2020: superando a década perdida? *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 112, p. 851-873, jul.-set. 2010.

MELO, Hildete; OLIVEIRA, André. A produção científica brasileira no feminino. *Cadernos Pagu* (27), 2006, p. 301-331.

PAIXÃO, Marcelo (Org). *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2009-2010*, UERJ, 2010.

PAIXÃO, Marcelo (Org). *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2007-2008*, UERJ, 2008.

REICHMANN, Rebecca. A mulher negra brasileira um retrato. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2. 1995.

RICOLDI, Arlene. ARTES, Amélia. *Novos lugares da desigualdade? Caracterização do ensino superior sob a interface gênero e raça/cor na atualidade*. Relatório de pesquisa, FCC, 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia; MADSEN, Nina., Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo, in BARSTED, Leila L; PITANGUY, Jacqueline. *O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010* / Rio de Janeiro: CEPIA ; Brasília: ONU Mulheres, 2011. p. 390-424.



SANTOS, Cássio Miranda. O Acesso ao Ensino Superior no Brasil: a questão da elitização. Ensaio – Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v. 6, n. 19, p. 153-296, abr.-jun./1998.

SILVA, Tatiana Dias. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. MARCONDES, Mariana (Org.) *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*, IPEA 2013.

SOARES, Sergei. A demografia da cor: a composição da população brasileira de 1890 – 2007. In: THEODORO, Mario (org.) *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*, IPEA, 2008.

Recebido em janeiro de 2016
Aprovado em março de 2016